

COLUNA

ÒRÒ, ÌTÀN E AYÉ NA CAROLINA MARIA DE JESUS DA TIJUCA NO CARNAVAL DE 2026: A PALAVRA QUE ANDA, VIVE!

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Eliezer Gonçalves Cordeiro²

A literatura negra é uma das chaves mais consistentes para formar um olhar antirracista no Brasil. Não como adereço pedagógico, nem como curiosidade de mercado, porque essa literatura é produção intelectual que nasce da experiência histórica do racismo e a interpreta por dentro. Ler autores e autoras negras perfaz o ponto de vista daquilo que antes aparecia como “normal” e que agora passa a ser visto como construção social, e aquilo que foi tratado como exceção revela sua centralidade na formação do país como o Brasil. Ao olhar para o Carnaval de 2026 pela lente da literatura negra, percebemos algo que vai além da estética ou da performance, sendo uma escolha política e estética que reconfigura a nossa compreensão do Brasil e de quem faz a história cultural do país. Não é coincidência que, no mesmo ano em que o país celebra, de formas contraditórias e necessárias, seu passado e suas tensões sociais, a Unidos da Tijuca nos convide a acessar aquilo que muitas

¹ Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação (UFRRJ); Professor Adjunto na UERJ, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.

² Mestrando em Educação (UFRRJ); Professor substituto da UERJ, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.

vezes foi negado à memória oficial, que é a voz de uma mulher negra, pobre e intelectual que ousou narrar o que ninguém antes queria ler. Hoje vou te contar uma história que é um retrato do Brasil. A história de uma mulher que, armada apenas com cadernos velhos e uma caneta, desafiou o esquecimento a que seu país tentava condená-la e sua gente. Seu nome era Carolina Maria de Jesus. Talvez você conheça seu livro mais famoso, *Quarto de Despejo*, um fenômeno editorial dos anos 1960. Mas a mulher por trás da obra — a artista multifacetada, a mãe que lutou contra a fome com palavras, a intelectual autodidata — permanece, em muitos aspectos, uma desconhecida. Sua trajetória completa, marcada por uma coragem brutal e um final amargo, é um dos capítulos mais reveladores e menos contados de nossa história social.

O enredo da *Tijuca* é literalmente batizado com o nome de Carolina Maria de Jesus — e, ao tomar essa decisão, a escola faz sua afirmação identitária, prezando por devolver à escritora o lugar que a narrativa dominante tentou submeter à margem, isto é, reconhecê-la como “a escritora que foi favelada” e não apenas “a favelada que escrevia”. Fazendo sua estreia no Carnaval de 2026, essa narrativa é construída como se fosse um livro aberto, dividido em capítulos que atravessam a geografia de uma vida desde a infância de Bitita, no cerrado mineiro, até a transformação em Carolina, a filha de uma diáspora interna em busca de sentido e dignidade; desde a chegada a São Paulo como migrante em busca de oportunidades até a existência moldada pela luta cotidiana na favela, onde a autora catava papéis e histórias — e, dessas histórias, foi tecendo a sua própria literatura. Carolina nasceu em 1914, em Sacramento, Minas Gerais, neta de escravizados e filha de uma lavadeira analfabeta. Sua condição de filha ilegítima a tornou uma paria desde a infância. O acesso à educação, um privilégio raríssimo para uma menina negra e pobre no Brasil dos anos 1920, só foi possível pela filantropia de uma patroa de sua mãe, que pagou seus estudos. Foram apenas dois anos na escola Allan Kardec, mas foram suficientes. Neles, Carolina não só aprendeu a ler e a escrever, como desenvolveu uma fome insaciável por conhecimento que a acompanharia por toda a vida.

Esse desejo, contudo, era visto com desconfiança e hostilidade. Em um episódio chocante, ainda em Sacramento, Carolina e sua mãe foram presas. O "crime"? Carolina estava lendo um dicionário, que as autoridades confundiram com um livro de feitiçaria — para eles, era inexplicável e até sobrenatural que uma jovem negra soubesse ler. Em 1937, após a morte da mãe, Carolina migrou para São Paulo. Trabalhou como doméstica, mas, ao engravidar de seu primeiro filho em 1948, foi demitida. Sem alternativa, construiu seu próprio barraco na favela do Canindé, às margens do poluído Rio Tietê. Para sustentar os três filhos, que tiveram pais diferentes (Carolina sempre se recusou a se casar, horrorizada pela violência doméstica que via ao redor), ela passou a catar papel. Entre os restos que recolhia, encontrava revistas, livros e cadernos. Estes últimos se tornaram seu tesouro. À noite, exausta, ela registrava o dia a dia da favela, mostrando a fome constante ("a fome é amarela e dói muito"), a violência, a luta por água, a hipocrisia dos políticos em época de eleição. Escrevia com a determinação de quem sabia que aquelas palavras eram sua única ferramenta para mudar de vida. "Estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Minha intenção é comprar um terreno com esse dinheiro e sair da favela", anotou em 27 de julho de 1955.

Seus vizinhos, em sua maioria analfabetos, viam-na com desconfiança e inveja. "Você pensa que é branca, só porque escreve?", provocavam. As discussões eram frequentes, e Carolina respondia com a ameaça que se tornaria profética: "Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa". O encontro que mudaria sua vida aconteceu em 1958. O jornalista Audálio Dantas cobria a inauguração de um parque infantil próximo ao Canindé quando viu Carolina afastar um grupo de invasores que perturbava as crianças gritando: "Se continuarem, vão aparecer no meu livro!". Intrigado, ele a seguiu até o barraco e se deparou com uma pilha de cadernos manuscritos. Trechos publicados no jornal causaram sensação imediata. Em agosto de 1960, era lançado *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. O sucesso foi estratosférico. A primeira tiragem de 10 mil exemplares esgotou em uma semana. O livro vendeu cerca de 600 cópias apenas na noite de autógrafos e, estima-se, mais de um milhão de cópias no mundo todo, sendo traduzido para

ao menos 18 idiomas, do japonês ao húngaro. Virou peça de teatro, com a grande atriz Ruth de Souza no papel de Carolina. A "favelada" virou celebridade internacional, concedendo entrevistas e viajando para a Argentina, onde recebeu um título honorífico. Com os direitos autorais, ela realizou seu sonho e comprou uma casa de alvenaria no bairro de Santana e saiu da favela. A mudança, porém, acirrou o ódio dos antigos vizinhos, que a cercaram durante a mudança, gritando que ela se achava "alta roda".

Amigo leitor, você já ouviu falar em Carolina, a autora de “Quarto de Despejo”. Mas conhece Carolina, a romancista, a poeta, a dramaturga e a compositora? A figura pública que se projetou a partir de 1960 foi apenas a ponta de um iceberg artístico monumental — e deliberadamente ignorado. Por trás do diário que chocou o país, havia uma artista completa, de inventividade transbordante, cuja voz plural foi silenciada pelo preconceito, pela edição invasiva e pelo descaso com seu legado. Quando o sucesso comercial esfriou, Carolina continuou escrevendo com obstinação. Sua filha, Vera Eunice, doou parte de seus manuscritos à cidade natal de Sacramento, Minas Gerais, em 1999, com a esperança de ver o acervo preservado. O resultado foi um descaso histórico. Por mais de duas décadas, os documentos ficaram armazenados em condições precárias, no mesmo prédio onde Carolina, ainda jovem, fora presa e espancada. Pesquisadores relatam que cadernos estão danificados, com páginas manchadas, mutiladas e atacadas por fungos, tornando trechos inteiros ilegíveis. Esse cenário de abandono, que dificulta o acesso à sua obra completa, é visto por estudiosos e familiares como um sintoma do racismo estrutural que ainda nega o devido valor às memórias negras no Brasil. O que se perde nessas manchas e rasgos é a prova de um talento multifacetado. Após sua morte, descobriu-se um arquivo de aproximadamente 5.000 páginas manuscritas inéditas, distribuídas em dezenas de cadernos. Este tesouro literário, hoje também guardado em instituições como o Instituto Moreira Salles e a Biblioteca Nacional, revela uma Carolina que o mercado editorial de sua época recusou-se a publicar. Nele, encontram-se sete romances, cerca de 60 textos curtos, mais de 100 poemas, quatro peças de teatro e 12 letras para marchinhas de Carnaval.

Sua produção de ficção, por exemplo, bebia das radionovelas que ouvia e criava personagens femininas fortes, vaidosas e complexas, distantes do estereótipo da favelada resignada. Ela também era uma leitora voraz e culta, influenciada por autores abolicionistas como Luiz Gama e José do Patrocínio, e fascinada pela poesia romântica do século XIX. Esse repertório diverso se refletia em uma escrita que “se movimenta”, nas palavras da pesquisadora Elena Pajaro Peres, transitando entre memórias, romances autobiográficos e poemas com a liberdade de quem não se submetia aos gêneros literários canônicos. Entretanto, o sistema literário insistia em enquadrá-la. Seu editor, Audálio Dantas, além de realizar cortes pesados e padronizar a linguagem de “Quarto de Despejo”, desencorajou-a a publicar esses outros escritos, considerando-os inferiores. A elite letrada queria a testemunha da favela, não a artista completa. Carolina percebeu essa armadilha. Em entrevista ao jornal *O Globo*, em 1970, ela afirmou: “Estou mais esclarecida, mais culta; estudei, melhorei meu português”. E completou, com amargura, que com seu primeiro livro havia adquirido apenas “fama de rica sem ter dinheiro”. Apenas nas últimas décadas, impulsionadas por uma nova geração de pesquisadores negros e pelo fortalecimento dos movimentos sociais, essas muitas Carolinas começam a vir à tona. Suas obras estão sendo republicadas com fidelidade aos originais, e exposições revelam uma mulher altiva, de vestidos elegantes e cabelo solto, em contraste com a imagem pública da mulher cabisbaixa e de lenço. Seu legado, portanto, vai muito além de um único diário. É um arquivo de resistência, uma poética construída a partir dos resíduos, e um chamado para que o Brasil, finalmente, leia Carolina Maria de Jesus em toda a sua potência e pluralidade.

O samba-enredo, se bem costurado, terá o poder de unir o Brasil do “quarto de despejo” ao Brasil dos sonhos literários de Carolina. Desde o abre-alas, podemos esperar uma cena marcante. Uma gigantesca réplica de um caderno manuscrito, rabiscado, com páginas que se desdobram em alas, formando as ruas de terra e os barracos da favela do Canindé. Do alto desse caderno-alegoria, talvez surja a figura da própria Carolina, interpretada por uma porta-bandeira de força imensa ou por uma atriz, com sua postura altiva, segurando uma caneta como se fosse um cetro. O som que embala essa entrada

não seria apenas o surdo, mas o ritmo contido do martelo batendo em lata, dos sons da favela que ela tanto descreveu, antes de explodir na batucada plena do samba. O ápice do desfile, no entanto, chegaria no último setor, dedicado ao seu legado e renascimento. Aqui, as fantasias, antes feitas de materiais que remetem ao papelão e ao ferro-velho, se transformam. Tornam-se tecidos nobres, espelhados, cobertos por palavras impressas em luz. O barraco se desfaz e dá lugar a uma biblioteca monumental ou a um grande livro aberto que cobre a avenida. E no carro do mestre-sala e da porta-bandeira, em vez de um símbolo abstrato, a própria casa de alvenaria que ela comprou, feita de espelhos que refletem a arquibancada, dizendo que aquela conquista é de todos nós. O samba, nesse momento, ganha um refrão de júbilo, celebrando: "Ela escreveu, ela venceu, ela nos viu no espelho!"

O grande risco estético, claro, é o didatismo. A escola precisará traduzir conceitos em emoção e movimento. A "escrevivência" não pode ser só uma placa; tem de ser o suor do passista, o olhar determinado da componente. O talento da Tijuca, no entanto, está justamente em dar vida às ideias. O resultado, se feito com a profundidade que o tema merece, será mais que um desfile campeão. Será um capítulo fundamental para que a obra de Carolina Maria de Jesus, enfim, saia definitivamente do quarto de despejo da história nacional e entre em triunfo no salão principal da nossa cultura. Dito isto, vamos ao samba da escola...

*Eu sou filha de uma dor
Que nasceu no interior de uma saudade
Neta de vô preto velho
Que me ensinou os mistérios
Bitita, cor que sonhou liberdade
Me chamo Carolina de Jesus
Dele herdei também a cruz
Olhem em mim, eu tenho as marcas
Me impuseram sobreviver*

www.africaeaficanidades.com.br

*Por ser livre nas palavras
Condenaram meu saber
Fui a caneta que não reproduziu
A sina da mulher preta no Brasil
Os olhos da fome eram os meus
Justiça dos homens não é maior que a de Deus!
Meu quarto foi despejo de agonia
A palavra é arma contra a tirania!
Sonhei sobre as páginas da vida
Ilusões tolhidas por um sistema algoz
Que tenta apagar nossa grandeza
Calar a realeza que ainda vive em nós
Meu barraco é de madeira
Barracões são do Borel
Onde nascem Carolinas
Não seremos mais os réus
Por tantas Marias
Que viram seus filhos crucificados
Nas linhas da vida, verbo na ferida, deixei meu
legado...
Meu país nasceu com nome de mulher
Sou a liberdade... Mãe do Canindé!
Muda essa história, Tijuca
Tira do meu verso a força pra vencer!
Reconhece o seu lugar... e luta
Esse é o nosso jeito de escrever!*

(Unidos da Tijuca, 2026)